

A FOTOGRAFIA COMO MÉTODO DE PESQUISA: FALANDO O NÃO DITO. UMA EXPERIÊNCIA COM CATADORES NA CIDADE DE SÃO PAULO

Julia Dávila

14.1 INTRODUÇÃO

Desde sua criação, a fotografia vem sendo utilizada como instrumento de recorte da realidade. Em seu método analógico, a luz desenha a cena através de reações químicas em uma superfície fotossensível, como nos filmes fotográficos. Já no método digital, essas superfícies foram substituídas por sensores capazes de captar a imagem em frações de segundos e reproduzi-la digitalmente em milhões de pixels no mesmo instante.

No entanto, a fotografia não se limita apenas a um ato técnico de caráter testemunhal do mundo, ela arrasta consigo sentido, de visão de mundo, de estética e de linguagem.

“Fotografar é colocar na mesma linha, a cabeça o olho e o coração”

Henri Cartier-Bresson

A fotografia é carregada de expressão e intencionalidades, colocando-a em lugares que vai além da imagem. Ela conta histórias, tem a capacidade de te olhar nos olhos e manifestar pensamentos. O uso do instrumento tecnológico está à disposição da manifestação.

Dessa maneira, a imagem fotográfica fala e, como afirma Volpe (2007), lança um olhar e uma de maneira ver o mundo, faz emergir aquilo que muitas vezes não é dito.

Foi neste sentido que a pesquisa *Resíduos sólidos urbanos e catadores de materiais recicláveis: saúde, trabalho e meio ambiente*¹ buscou investigar as percepções de risco e segurança do ambiente de trabalho dos catadores da Cooperativa Alfa, em São Paulo: através da fotografia.

O processo se fez com o uso da fotografia aliada à narrativa para criar um ambiente de manifestação e troca entre pesquisador e pesquisado e, assim, incluir os trabalhadores de modo participativo e ativo na execução na pesquisa.

O grupo de pesquisa foi formado por docentes, graduandos e pós-graduando da Universidade de São Paulo (USP) da Escola de Arte, Ciências e Humanidades, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Direito e Medicina e uma pesquisadora fotógrafa. Este grupo se propôs à criação de uma pesquisa interdisciplinar que se permitiu a percorrer os caminhos da ciência aliada à arte, da produção imagética sensível a serviço da obtenção de dados. Utilizando-se da criatividade como meio de investigação e do potencial simbólico da imagem capaz de capturar emoções que não seria possível apenas em entrevistas. (TOUSO et al., 2017).

Aqui, a fotografia não foi considerada apenas como registro ou recorte de uma certa realidade mas como “uma estratégia de impregná-la de um sentido, de uma emoção e, por isso, de arte” (SALVAGNI, SILVEIRA, 2013. p. 06).

Neste estudo, a câmera fotográfica foi a mediadora do ambiente de trabalho na cooperativa de reciclagem e o ato fotográfico um convite para que o catador pudesse exercitar seu olhar sobre o ambiente e que, por meio dele, contasse sobre seu local de trabalho. Este método tem como objetivo a incorporação de suas experiências na produção do conhecimento e identificação de soluções conjuntas para a categoria profissional.

Metodologias visuais colaborativas como esta, validam o repertório de vida e conhecimento local dos participante (MEIRINHO, 2017) e confia a câmera fotográfica “àqueles que raramente tem acesso e tomam decisões sobre sua vida” (MEIRINHO apud WANG; BURRIS; XIANG, 1996, p.1391).

Meirinho (2017) diz que o grande pedagogo brasileiro Paulo Freire acreditava em meios visuais autorais como forma de reflexão sobre suas próprias

¹ GOUVEIA, N; GONÇALVES-DIAS, S.L.F. 2016. *Resíduos Sólidos Urbanos e catadores de Materiais Recicláveis: Saúde, trabalho e meio ambiente – Relatório Final.*

experiências, auxiliando na articulação dos descontentamentos e na elaboração de soluções para uma mudança social.

Ademais, o uso da fotografia como linguagem acadêmica, como lembra Salvagni e Silveira (2013), também possibilita uma maior propagação dos estudos através da disseminação dessas narrativas imagéticas, fazendo com que estes trabalhos acadêmicos possam transitar em outras áreas do conhecimento e atingir inclusive públicos que não entendem do assunto. O que na área de resíduos sólidos pode ter um impacto social importante, visto a emergência da temática no mundo.

Figura 14.1 - Pátio com fardos de materiais recicláveis já triados



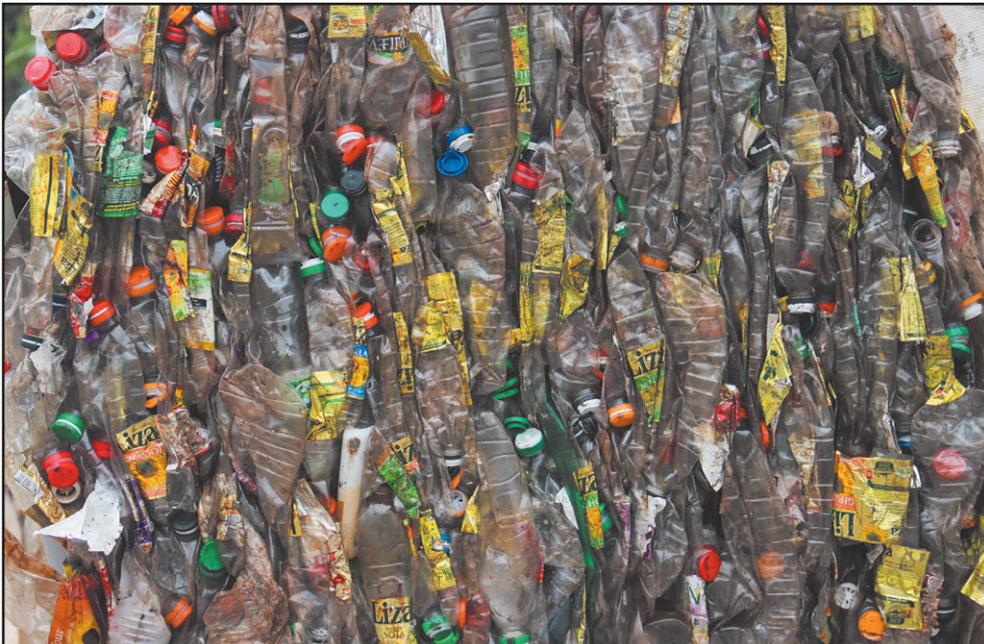
Fonte: Dávila, 2015.

Figura 14.2 - Caixas do tipo longa vida separadas pela cooperativa Alfa.



Fonte: Dávila, 2015.

Figura 14.3: Garrafas de óleo separadas para reciclagem



Fonte: Dávila, 2015.

Figura 14.4 - Embalagens de plástico de diversas cores separadas para reciclagem



Fonte: Dávila, 2015.

Figura 14.5 - Garrafas PET separadas para reciclagem



Fonte: Dávila 2015.

14.2 O CHAMADO

O célebre escritor José Saramago descreveu lindamente na epígrafe do livro “*Ensaio sobre a cegueira*”, citando o “*Livro dos Conselhos*” de El-Rei D. Duarte, o ato de observar para além do olhar como:

“*Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara*”.

Foi este o chamado aos participantes para que pudessem, mediados pela câmera fotográfica, quebrar com a rotina e reparar ao seu redor, capturando no filme a sua versão do mundo. É aquele momento corriqueiro, tido como cotidiano, destes trabalhadores que fotografam e são fotografados que se transforma em elemento importante não só da memória da sociedade mas também como arte a serviço da pesquisa (SALVAGNI; SILVEIRA, 2013).

O uso da fotografia participativa vem acontecendo no mundo há alguns anos e o mais consistente deles é o estudo feito pela professora Carolina Wang, da Escola de Saúde Pública da Universidade de Michigan, em parceria com Mary Ann Burris, da Universidade de Londres (WANG, 1999). Elas desenvolveram uma abordagem teórica e metodológica chamada *Photovoice* que consiste em “identificar, representar, e valorizar sua comunidade através de técnicas fotográficas” (WANG; BURRIS, 1997, p. 370). Nesta abordagem, membros de uma comunidade produzem e discutem fotografias de suas vivências trazendo relatos individuais do cotidiano aliando imagem e narrativa (WANG, 1999).

É, portanto, a partir do ponto de vista fotográfico destes participantes que consideramos para o estudo e não de alguém externo. Assim, pode-se ter maior compreensão de suas realidades, tornando-os porta-vozes de suas próprias vidas.

Figura 14.6 - Cooperada Marinalva Dias dos Santos sorri para a foto



Fonte: Dávila, 2015.

14.3 O PERCURSO

O percurso do estudo consistiu em três etapas. A primeira aconteceu com uma Oficina de Segurança no Trabalho que cuidou com os cooperados de forma lúdica e participativa a percepção sobre riscos e segurança envolvidos no ofício da catação dentro da cooperativa. Esta etapa serviu para que os trabalhadores se aproximassem da temática e pudessem despertar curiosidade sobre o assunto. Resultou em um momento de descontração entre eles que, mesmo trabalhando com assuntos sérios e custosos as suas vidas, abriram espaços para sorrisos e brincadeiras.

Figura 14.7 - Cooperada Rose Nitha Vilne participa de dinâmica



Fonte: Dávila, 2015.

Figura 14.8 - Cooperada Cristina Aparecida Lopes de Barros sorri em dinâmica



Fonte: Dávila, 2015.

Figura 14.9 - Cooperado Willian Borges de Jesus sorri em dinâmica



Fonte: Dávila, 2015.

Na segunda etapa, realizou-se uma oficina de fotografia apresentando de forma descontraída os conceitos de manuseio da câmera analógica descartável, filme, flash e composição. Foi neste momento que os catadores foram convidados a fotografar seu ambiente de trabalho ao longo da semana com o objetivo de registrar aquilo que eles observavam como seguro ou como risco.

A escolha por câmera analógica não vem à toa e merece atenção. A fotografia analógica em tempos digitais torna-se uma experiência desafiadora, principalmente para as pessoas que aprenderam a fotografar nos equipamentos digitais, como câmeras e celulares. As possibilidades de tentativa e erro são menores, já que a câmera descartável tem apenas 27 poses, logo, o retorno ao analógico faz

com que o fotógrafo olhe mais atentamente para sua fotografia, de um modo a estudá-la melhor, fotograma a fotograma. O tempo também é outro. Ao contrário do digital em que é possível visualizar a imagem imediatamente, na analógica a imagem é latente. É preciso esperá-la na revelação e ampliação para finalmente ver o que se foi fotografado.

Desse modo, a fotografia analógica traz a necessidade de uma percepção mais aguçada do fotógrafo, sob o olhar atento à composição, à luz e aos componentes de sua cena. A composição tornou-se elemento que necessita mais tempo e atenção, afinal, são apenas 27 poses e possibilidades reduzidas de tentativas, o que faz valorizar muito mais cada fotografia.

Este modo de olhar em que é fundamental refletir sobre os elementos que compõem a fotografia tem como finalidade agregar maior intencionalidade e arte a fotografia.

Após a explicação do conceito da fotografia e uma dinâmica de como manusear a câmera, simulando situações de como fotografar e ser fotografados, as câmeras foram distribuídas e divididas entre os trabalhadores a partir dos ambientes da cooperativa. Ao longo dos dias, eles puderam exercitar o olhar sobre o que antes era rotineiro mas que agora era necessário prestar atenção, refletir sobre qual seria a melhor maneira de registrar aquele momento para que depois pudessem compartilhar com os pesquisadores e colegas.

14.4 QUEM APONTA A CÂMERA?

Esta é uma pergunta necessária. Pela observação em campo, a pessoa que aponta a câmera detém o poder de capturar aquele momento.

“fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. É envolver-se em uma certa relação com o mundo que se assemelha com o conhecimento – e, por conseguinte com o poder” (SONTAG, 1981, p.4).

Inevitavelmente há um foco social ajustado conforme quem clica, especialmente quando trabalhamos com grupos fragilizados, vulnerabilizados ou excluídos socialmente.

Quando quem fotografa é um pesquisador desenha-se claramente uma hierarquização entre pesquisador e pesquisado. O catador cobre-se de timidez e de um certo embaraço por ter sua imagem observada e registrada. Já no processo de quando fotografam entre si, outro cenário se apresenta: há uma diferença na interação entre eles, na demonstração dos afetos, do seu modo agir, esboçando expressões menos tensas, se permitindo a sorrir e a brincar.

Figura 14.10 - Cooperada Angela Maria Domiciano da área de vidros sorri



Fonte: Dávila, 2015.

Figura 14.11 - Cooperada Maria Aldenie Ferreira da Silva da área da esteira, segura garrafa na separação dos materiais



Fonte: Dávila, 2015.

14.5 O COMPARTILHAMENTO

Após aproximadamente uma semana, as câmeras foram recolhidas, os filmes revelados e as fotografias impressas e digitalizadas para a próxima etapa. O terceiro momento foi a Oficina de Confrontação das fotografias onde pesquisador e autor fotográfico observam as imagens e conversam sobre elas.

Neste momento, como ressalta Merinho (2017), é fundamental que a equipe de pesquisa deixe livre para que os participantes escolham qual foto e como contarão sobre ela, é justamente esta decisão que mostrará como eles querem ser vistos e não como o pesquisador deseja, é nela que emergirá o que se quer contar sobre eles mesmo.

Ainda segundo o autor,

“O uso livre do dispositivo fotográfico para a construção de um discurso visual demonstra-se que existem padrões e escolhas que refletem os seus perfis identitários e repertório cultural dos envolvidos do processo de pesquisa. Ao compreendermos a câmera enquanto uma janela através da qual o sujeito observa o mundo ao seu redor, esta pode ser entendida também como um espelho que reflete as suas posições perante o universo que observa e retrata em suas fotografias” (p. 279).

Este ambiente de troca evoca no fotógrafo os motivos de suas opções de enquadramento, recorte e composição transferindo para a imagem a sua própria singularidade. É neste encontro entre fotografia e narrativa que se abre caminho para o diálogo. O que se é observado nessa fotografia autoral é sua expressão visual, da sua relação com o ambiente fotografado, fazendo com que no momento da rememoração daquele instante fotográfico venha à tona sua própria narrativa com maior apropriação do que é contado. Isso traz ao pesquisador, além de apoio comunicacional, maior veracidade e validade dos dados obtidos (JUSTO; VASCONCELOS, 2009).

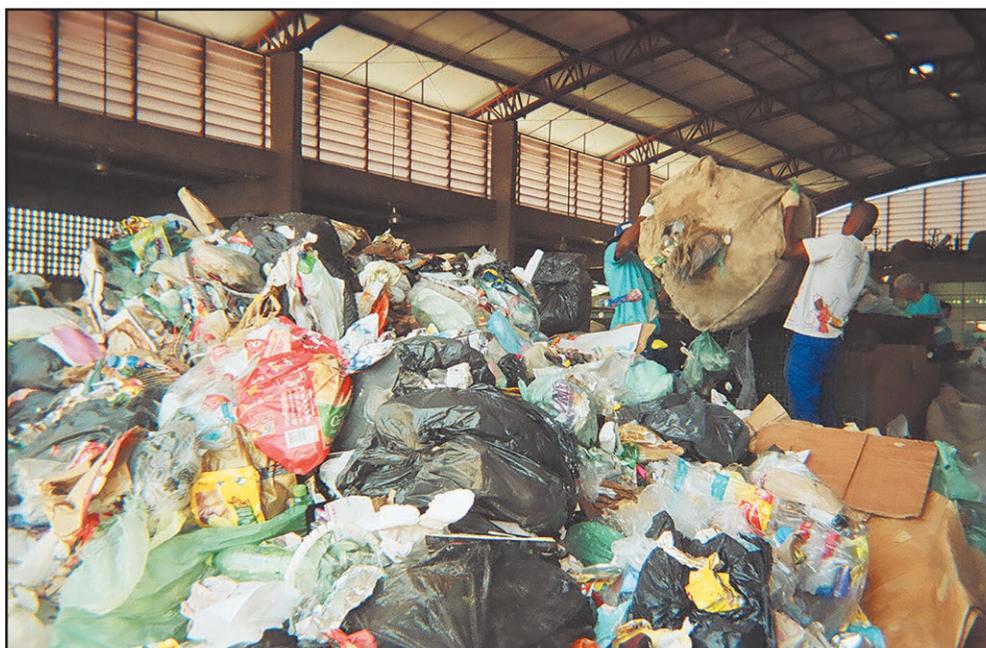
Desta forma, após a rodada de diálogo nas oficinas de confrontação, as imagens autorais de seus ambientes de trabalho apoiaram os catadores para que eles pudessem trazer seu ponto sobre seu ofício dentro da Cooperativa para os pesquisadores e colegas. Juntos puderam refletir sobre seu trabalho e buscar soluções para maior segurança além de proporcionar ampliação de poder de ação dos trabalhadores.

Figura 14.13 - Caminhão é carregado de fardos de materiais recicláveis



Fonte: Cooperados, 2015.

Figura 14.14 - Área interna na Cooperativa Alfa



Fonte: Cooperados, 2015.

Figura 14.15 - Cooperado Valdemilson Menezes da Cruz trabalha na separação dos vidros



Fonte: Cooperados, 2015.

Figura 14.16: Área externa da Cooperativa Alfa



Fonte: Cooperados, 2015.

Figura 14.17 - Área da esteira



Fonte: Cooperados, 2015.

Pela alta rotatividade dos cooperados, este estudo não detém todo direito de imagem e, com isso, não está autorizado a reproduzir todas as fotografias.

As fotografias autorais, juntamente com retratos dos catadores e registros do processo feitos por uma fotógrafa pesquisadora, foram expostos no refeitório em um momento de contemplação e descontração em observar sua própria obra e retrato. Essas fotografias também renderam mais duas exposições na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP.

14.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte e a potência da imagem se mostraram bons instrumentos para o empoderamento e apoio comunicacional - criando sentido e significados - para trabalhadores da Cooperativa. Através delas, criou-se um ambiente em que foi possível acessar situações e emoções de suas vidas, que não seria possível sem a subjetividade e singularidade de cada ser.

Sobretudo, essa pesquisa baseou-se no respeito à trajetória de cada participante, entendendo que só eles poderiam saber com profundidade o que é ser catador e como é seu dia a dia dentro da Cooperativa. E teve como princípio, o

início de um movimento para envolvê-los em decisões nas políticas que os dizem respeito.

O percurso extrapolou a busca por obtenção de dados sobre segurança do trabalho e avançou para estimular os participantes à reflexão sobre suas realidades. Do ponto de vista do contexto dos catadores na cidade de São Paulo, esta é uma ação importante para o fortalecimento da categoria.

O uso da arte, da criatividade, do deslocamento da objetividade para o âmbito das sensações, aliadas à narrativa acadêmica ainda pertence a um campo em construção e iniciativas como deste grupo de pesquisa contribui lançando novos olhares interdisciplinares e inovadores na construção do saber.

14.7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARTIER-BRESSON, H. O instante decisivo. In. BACELLAR, Mario Clark (Org). *Fotografia e Jornalismo*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes (USP), 1971.

GOUVEIA, N. GONÇALVES-DIAS, S. L. F. 2016. *Resíduos Sólidos Urbanos e catadores de Materiais Recicláveis: Saúde, trabalho e meio ambiente – Relatório Final*.

JUSTO, J.S; VASCONCELOS, M.S. *Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em psicologia*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, vol. 9, núm. 3, septiembre-diciembre. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844630013.pdf>.

LEAL, C.C.G; GOMES-SPONHOLZ, F.A; MAMEDE, F.V; SILVA, M.A.I; OLIVEIRA, N.T.B.O; LEITE, A.M. *Photovoice: experiência do método em pesquisa com mães adolescentes*. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, e20170322, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452018000300701&lng=en&nrm=iso.

MEIRINHO, D. O olhar por diferentes lentes: o photovoice enquanto método científico participativo. Discurso fotográfico Discursos Fotográficos. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina*. Londrina-PR, v.13, n.23, ago./dez. (2017).

SALVAGNI, J; SILVEIRA, M.A.N. Discursos Imagéticos: a fotografia como método da pesquisa social. *Anais Eletrônicos do II Encontro História, Imagem e Cultura Visual*. Porto Alegre. 2013.

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. 19a. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

SONTAG, S. *Ensaio sobre a fotografia*. Trad. Joaquim Paiva. Rio de Janeiro, Arbor, 1981.

TOUSO, M.F.S; MAINEGRA, A.B; MARTINS, C.H.G.M; FIGUEIREDO, G.L.A.F. Photovoice como modo de escuta: subsídios para a promoção da equidade. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 12, p. 3883-3892, Dec. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017021203883&lng=en&nrm=iso.

VOLPE, A.J. *Fotografia, narrativa e grupo: lugares onde pô o que vivemos*. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-05052008-171045/publico/Volpe_doutorado.pdf.

WANG, C.; BURRIS, M. Photovoice: concept, methodology, and use for participatory needs assessment. *Health Education & Behavior*, v. 24. 1997.

WANG, C.C. Photovoice: A participatory action research strategy applied to women's health. *Journal of Women's Health*, v. 8, 1999.

